
Teoría Crítica de la Enseñanza: Ilustração na investigação-ação de Carr e Kemmis

Wisniewski, Rudião Rafael¹; Goettens, Lisiane² & Zanon, Lenir Basso³

Categoría: Reflexiones y experiencias desde la innovación en el aula.

Linha de trabalho 1. Relaciones entre investigación y enseñanza.

Resumo

Neste texto se pretende analisar a “Ilustração” no livro *Teoría Crítica de la Enseñanza*, escrito por Carr e Kemmis, em 1986, publicado com esse título em 1988. A organização metodológica baseia-se na análise textual discursiva, conforme referido por Moraes e Galliazi (2011). O termo relacionado com o Iluminismo, corrente filosófica da Modernidade, foi e continua sendo central para um “tornar-se crítico” – como propõe o título original: *Becoming Critical* –, no conhecimento, no Ensino, tendo a investigação-ação como uma ideia, concepção ou paradigma, com alusão ao enfoque crítico e emancipatório – não como um método. Sendo assim, a ilustração é entendida dentro de um contexto histórico e dialético, permitindo a reflexão crítica e a ação transformadora.

Palavras-chave: Ilustração. Teoria Crítica. Ensino. Investigação-ação.

Introdução

Ao estudar a investigação-ação do livro *Teoría Crítica de la Enseñanza: La investigación-acción en la formación del profesorado*, escrito por Wilfred Carr e Stephen Kemmis, nos deparamos com o constante uso da palavra *ilustración* – “ilustração” em português. Emergiram dúvidas e controvérsias sobre o porquê de não ter sido utilizada outra como “conhecimento”, “entendimento”, “saber”, entre outras.

A tradução literal de *Becoming Critical* seria “tornando-se crítico” e o original, publicado em 1986 pela Deakin University Press, ainda tem como subtítulo *Education, Knowledge and Action Research*, ou “Educação, Conhecimento e

¹ UNIJUÍ. rudiaorw@hotmail.com

² UNIJUÍ. lisiane.goettens@iffarroupilha.edu.br

³ UNIJUÍ. bzanon@unijui.edu.br

Pesquisa-Ação”. Tendo a palavra “conhecimento” no subtítulo, esse é um indício de que o uso de “ilustração” foi proposital. Diz respeito ao Iluminismo.

“Iluminismo”, “esclarecimento” e “ilustração” são expressões habitualmente relacionadas à época ou à filosofia das luzes, ocorridas no início século XVIII. A expressão “iluminismo” provém do latim *illuminare* e sintetiza diversas tradições filosóficas, sociais, políticas, correntes intelectuais e atitudes religiosas que, no livre exercício das capacidades humanas, no uso da razão e do engajamento, levam ao progresso da humanidade. Apoiado no conhecimento racional acreditava-se conseguir a superação dos preconceitos e ideologias tradicionais.

“Ilustração” ou “esclarecimento” provém da expressão alemã *Aufklärung* que designa o processo pelo qual uma pessoa vence a ignorância (trevas) e o preconceito, projetando uma emancipação intelectual. Adorno e Horkheimer (1985) vinculam esclarecimento ao desencantamento do mundo que gera libertação do medo das potências míticas da natureza e Kant (2012) reforça que o esclarecimento representa a saída do homem da menoridade que ocorre sempre que se deixa de tomar decisão por si mesmo, quando o entendimento surge e deixa de ser usado para tomadas de decisão.

“Para o homem esclarecido, nada poderá estar fora ou acima da razão dele” (Marques, 1993, p. 46), nisto se assentam os direitos humanos, a liberdade, o individual e autoconsciência. Com a ciência moderna, o espaço da Filosofia diminuiu, ela própria precisa encontrar o que a legitima. Na presença da subjetividade o paradigma ontológico cede espaço para o paradigma da razão, surge a epistemologia, ou seja, a teoria do conhecimento.

Desenvolvimento

A metodologia empregada neste texto, para o estudo da *ilustración* em Carr e Kemmis, principalmente no livro supracitado, bem como da teoria crítica do ensino, baseia-se na análise textual discursiva, conforme proposto por Moraes e Galliazi (2011).

Na busca de provocar mudanças na ação educativa, Carr e Kemmis investem na produção da obra *Teoría Crítica de la Enseñanza*. Seu núcleo central é a preocupação com a emancipação educativa.

O livro cita 47 vezes a palavra *ilustración*, sendo a primeira no Prólogo, escrito por Vicente Bénédicto – catedrático de Didática da Universidade de Barcelona –, ao explicar que Carr e Kemmis, no processo de investigação, intencionam entender quais condições objetivas e subjetivas uma determinada

situação educativa pode gerar e quais resoluções ficam disponibilizadas. “La naturaleza colaborativa de la investigación-acción organiza a los practicantes en grupos colaborativos al objeto de su propia información, conciencia e ilustración, y al hacerlo así crea un modelo de orden social racional y democrático” (Carr & Kemmis, 1988, p. 14).

O termo *ilustración* não é citado nos dois primeiros capítulos do livro, voltando a aparecer no terceiro, quando os autores afirmam que: “La ciencia social interpretativa no tiene otra finalidad que la ilustración y, a través de ésta, la racionalidad, entendida en un sentido crítico, moral y reflexivo” (Carr & Kemmis, 1988, p. 108). Para cada processo de investigação importa a prudência e, sobretudo, a presença efetiva do conhecimento, o qual é um dos responsáveis pela ampliação de percepções e entendimentos, melhorando inclusive a descrição do que se está a descobrir.

Sem nenhuma citação no capítulo 4, o termo *ilustración* retorna no capítulo 5, sendo usado 21 vezes para explicar que, com e através da práxis enquanto inacabada, em contínua reflexão, se promovem aproximações entre o conhecer (teoria) e o fazer (prática). O conhecimento associado a processos, desperta compreensão das variáveis, projeta a elaboração de outras oportunidades, em práticas sociais em transformação e aproximação com os projetos/desejos que os diferentes grupos requisitam.

No capítulo 6, *ilustración* aparece 9 vezes. A primeira delas, em uma citação de Fay sobre a ciência social crítica, a qual é explicitamente concebida com a intenção de superar uma insatisfação sentida. Para Carr e Kemmis (1988), “La fuente de los programas de educación y de acción diseñados con fines de ilustración, sin duda, no puede ser otra que *los participantes mismos*, no ‘los investigadores críticos’” (p. 171). Ecoando Habermas, lembram que em um processo de ilustração só pode haver participantes.

No capítulo 7, *ilustración* aparece 14 vezes. A primeira delas faz referência à expressão habermasiana “organização da ilustração”, o que Carr e Kemmis (1988) entendem como “una forma particular de situación social para los fines de la autorreflexión” (p. 196). A espiral autorreflexiva da investigação-ação vincula a reconstrução do passado com a construção de um futuro concreto e imediato através da ação e o discurso dos que intervêm na ação com sua prática do contexto social. Esses elementos do processo criam a condições os protagonistas podem estabelecer “un programa de reflexión crítica para la organización de su propia ilustración y para la organización de su propia acción colaborativa con vistas a la reforma educativa” (Carr & Kemmis, 1988, p. 198).

A investigação-ação emancipatória é um processo que impulsiona os participantes a lutar por formas de educação mais racionais, justas, democráticas e plenas.

En cierto sentido, la organización de la ilustración es un paso hacia la organización de la acción y para la acción misma. Pero ésta es una descripción racionalista de esa relación que viene a dar a entender que la reflexión termina antes de que comience la acción. (Carr & Kemmis, 1988, p. 216)

A grande questão de uma ciência crítica da educação é alcançar uma unidade dialética entre uma teoria organizada para a ilustração e uma prática que consiga concretizá-la.

No capítulo final – Investigación educativa, reforma educativa y el papel de la profesión – *ilustración* aparece uma única e última vez, quando Carr e Kemmis (1988) afirmam que a investigação-ação emancipatória oferece critérios para a avaliação da prática em sua relação com a comunicação, a tomada de decisões e as atribuições da educação. Ainda, fornece meios para que os professores possam “organizarse a sí mismos en comunidades de investigadores, a fin de organizar su propia ilustración. Ésta es una misión educativa excepcional: la investigación-acción es, en sí misma, un proceso educativo” (p. 230).

Em 2013, a *Revista Interuniversitaria de Formación del Profesorado* publica o artigo “Becoming Critical hoy” escrito por Carr. Nele, a palavra *ilustración* é citada 7 vezes em 9 páginas, o que provoca a continuidade das análises pretendidas no percurso do presente texto.

Carr (2013) destacou que, após vinte e cinco anos da publicação do livro com Kemmis, na Espanha, um grande número de artigos e livros acadêmicos foram produzidos, tendo como enfoque a investigação-ação e as referências produzidas por eles, e tem leituras incentivadas em diversos países. Muitas respostas críticas surgiram em relação ao *Becoming Critical*, o que Carr compreende como inevitável, dado que os contextos culturais se diferenciam do original. Ademais, os processos de tradução da obra e o tempo cronológico de circulação interferem no que atualmente se pode compreender com relação à abordagem por eles pretendida.

Torna-se oportuno resgatar o que Carr e Kemmis pretendiam na obra de 1986:

El propósito de *Becoming Critical*, por un lado, fue exponer críticamente las debilidades de las formas existentes de la Teoría del Currículum e investigar para exponer una explicación satisfactoria de su relación con la práctica y, por otro, dar una explicación de ese fallo que nos permitiera entender lo que un enfoque más satisfactorio de la Teoría e Investigación del Currículum necesitaba. (Carr, 2013, p. 36-7)

O desenvolvimento intelectual, político e educativo foi intenso, ao longo desses anos, e as críticas estabelecidas precisam ater-se aos dados que Carr apontou, para que se possa conceber, então, que a investigação-ação se mantém válida e legítima, apesar de passado mais de duas décadas.

Entendendo a práxis enquanto ação ética vinculada a um contexto histórico, a conhecimentos que a educação constrói e transforma ao longo dos tempos, é que Carr (2013) destaca: "la práctica educativa es de esta manera una forma de acción ética en la cual y a través de la cual se da una expresión práctica a un compromiso con algún 'fin' educativo valioso" (p. 39). Com e através da investigação-ação poder investigar a práxis educativa, deslocando da esfera técnica para uma esfera crítica e próxima às mudanças culturais.

A respeito da *ilustración*, Carr (2013) menciona que a obra *Becoming Critical* foi produto dos tempos modernos, ou seja, "fue una expresión, también sin complejos, del pensamiento ilustrado y, así, del proyecto de la "modernidad" que la Ilustración había creado" (p. 40). Destaca ainda que, com o advento da pós-modernidade não há necessidade de total abandono dos valores da ilustração enquanto emancipatória. Seria um exagero assim proceder, pois os problemas da irracionalidade e injustiça do projeto da Ilustração/Esclarecimento ainda existem.

Faz-se importante compreender as mudanças, e perceber que a "noción de 'emancipación' social, política y cultural y, en términos de racionalidad misma (la racionalidad crítica nunca es completa y satisfecha y está siempre abierta reflexivamente a nuevas perspectivas y correcciones)" (Carr, 2013, p. 41). Envolver os participantes colaborativamente, no entendimento de que mundo temos e que mundo queremos, expondo inquietações, principalmente em relação aos valores educativos dominantes, representa movimentos necessários.

O projeto baseado na ilustração ainda existe e é pertinente. Precisamos ficar atentos para não ir de um extremo a outro, nem continuar tratando a investigação-ação como método, mas como uma concepção, um paradigma, uma "idea que, mientras pasa de un momento histórico a otro, tiene que ser

reinterpretada y reconstruida para que pueda continuar ofreciendo maneras prácticas y realistas de realizar sus aspiraciones emancipatorias a través de la reflexión crítica y la acción transformadora" (Carr, 2013, p. 42). A tarefa posta parece árdua e, sobretudo, urgente de ser assumida.

Referencias Bibliográficas

- Adorno, T. W., & Horkheimer, M. (1985). *Dialética do esclarecimento*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Carr, W. (2013). Becoming Critical hoy. *Revista Interuniversitaria de Formación del Profesorado*, 77(27,2) 35-43.
- Carr, W., & kemmis, S. (1986). *Becoming Critical: Education, Knowledge and Action Research*. Geelong, Victoria: Deakin University Press.
- Carr, W., & kemmis, S. (1988). *Teoría Crítica de la Enseñanza: La investigación-acción en la formación del profesorado*. Barcelona: Ediciones Martínez Roca.
- Kant, I. (2012). *Textos seletos*. (8a. ed.). Petrópolis, RJ: Vozes.
- Marques, M. O. (1993). *Conhecimento e modernidade em reconstrução*. Ijuí: UNIJUÍ.
- Moraes, R., & Galiazzi, M. C. (2011). *Análise textual discursiva*. (2a. ed.). Ijuí: UNIJUÍ.